

agrícolas, sob regime de trabalho escravo, destinada a mercados externos; numa exportação concentrada em poucos produtos e destinada a poucos mercados; numa importação compreendendo manufaturas e toda espécie de utilidades, inclusive aquelas destinadas às necessidades mais elementares: comer e vestir; a exportação estava concentrada não apenas em poucos produtos, mas também em poucos exportadores, mas a importação se distribuía aos muitos consumidores. Os que, no Brasil, viviam em economia de mercado — porque extensas áreas viviam ainda em economia natural — eram abastecidos do exterior: o mercado interno dependia, essencialmente, de fornecedores externos, dependia do estrangeiro, era mercado da produção estrangeira. Assim, nem a exportação — porque destinava ao exterior a quase totalidade do que a estrutura produzia — nem a importação — porque recebia do exterior a quase totalidade do que consumia — estavam vinculadas ao mercado interno. Nesse sentido, pois, a estrutura econômica, no essencial, continuava a caracterizar-se como colonial.

Tivera início, então, o processo hoje conhecido como deterioração das relações de troca, eufemismo que encobre a exploração processada no comércio desigual, em que os produtores de matérias-primas e alimentícias verificam que o preço delas baixa constantemente, enquanto ascende constantemente o preço dos produtos acabados, isto é, baixa o preço do que vendem e sobe o preço do que compram. Foi esta a forma elementar pela qual a Inglaterra — ou melhor, a burguesia inglesa — se aproveitava da maior parte da renda proporcionada pelo trabalho dos brasileiros. Essa forma elementar seria aprimorada, depois — quando o imperialismo clássico fez a sua tempestuosa irrupção.